

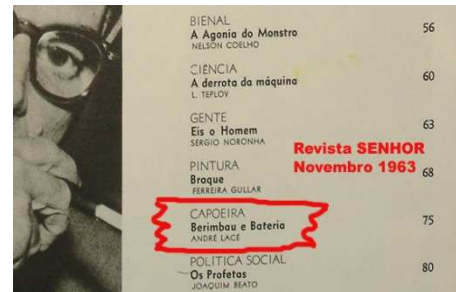
CADERNOS DE MUSICALIDADE – 3. LADAINHAS E OUTRAS CANTIGAS JEROEN VERHUEL (HOLANDA!)



APRESENTAÇÃO DO AUTOR

Por
André Luiz Lacé Lopes
Quilombo do Leblon, Agosto 2011 e 2012.

Os anos 60 estavam generosamente começando: passei no vestibular para a EBAP/FGV, consegui meu primeiro trabalho, como “Noticiarista Radiofônico”, da Rádio Roquette Pinto e – *last, but not least* – comecei a praticar Capoeiragem. Na Faculdade, para o jornal do Diretório Acadêmico, escrevi meu primeiro artigo sobre a fascinante Arte Afro-brasileira – *Berimbau e Bateria* – no qual ensaiava traçar curioso paralelo entre a Capoeira e o Jazz. Artigo que, pouco depois (1963), foi também publicado pela Revista *SENHOR*, uma das mais importantes no Brasil, de todos os tempos.



Na Roquette, também em poucos meses, já era “Redator de Jornais Falados” produtor e apresentador do programa *Rinha de Capoeira*. Nesse programa e em dois outros que o seguiram, tive oportunidade de entrevistar algumas dezenas de pessoas extraordinárias, não apenas no Mundo da Capoeira, mas no Mundo dos Esportes em Geral, inclusive Artes Marciais - sociólogos, folcloristas, historiadores como o professor-doutor Lamartine Pereira DaCosta, o saudoso Edison

Carneiro, então Presidente da Campanha Nacional do Folclore, Neyder Alves (certamente), o grande Mestre Caiçaras, o versátil Canjiquinha, Bimba, Pastinha, Camafeu de Oxossi, Zé Pedro, Moraes, Damionor Mendona, Samuel Taets, Corvo, Waldo Santana, Ezequiel Martins, “Lord” Bom Cabrito, Paulo Gomes, Leopoldina e tantos outros. Conservo ainda algumas dessas gravações e, com aparelhagem moderna, estou tentando recuperar outras tantas. Cada programa que produzia e apresentava era uma lição de capoeira e de vida para mim.

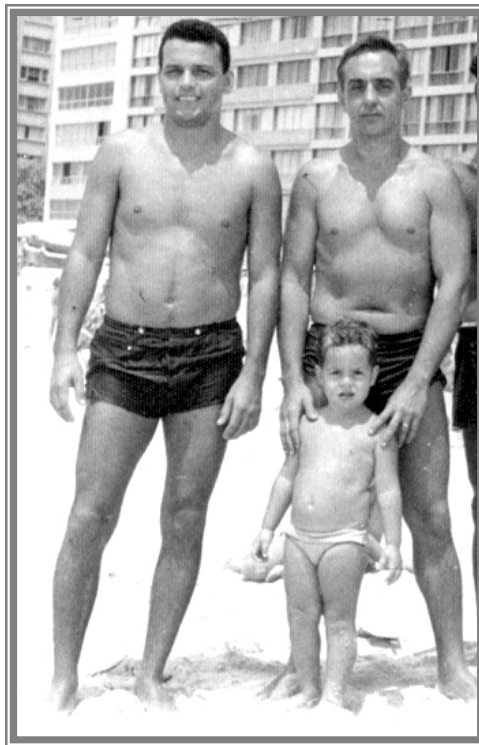
Já tinha ouvido falar em capoeira quando resolvi fazer minha primeira visita aos treinos do famoso Sinhozinho (Agenor Sampaio), um paulista carioca a quem a Capoeira deve muito. Foi o pingo d’água na minha decisão de aprendê-la, o que comecei a fazer, inicialmente e por comodidade geográfica, perto da minha casa, no Clube Olímpico, na Rua Pompeu Loureiro, em Copacabana. Tendo julgado mal o meu primeiro mestre que me fazia percorrer todo o ginásio, varais vezes, andando em *aranha*, passei para outro, Neyder Alves, advogado, lutador desassombrado, sempre de bom humor, a quem devo praticamente tudo que aprendi de capoeira utilitária (sem berimbau, sem cantoria etc.).

Em pouco tempo, na mesma *Academia Romana* onde aprendia, a pedido do Neyder comecei a ensinar também. Já no primeiro ano de treino, fiz a luta principal com Neyder, em exibição especial promovido pelo coordenador da Cadeira de Lutas, na Escola de Educação Física do Exército, na Urca, Rio de Janeiro.

Ao final da exibição, muito aplaudida, para surpresa e até constrangimento nosso, o coordenador anunciou a apresentação de mais um grupo de capoeira, dessa vez em Bonsucesso, subúrbio do Rio de Janeiro. Grupo, devo adiantar, muito bom. Comandado pelo extraordinário Mestre Artur Emídio de Oliveira (foto, com Celso do Engenho da Rainha), baiano de Itabuna que, assim como Sinhozinho, vieram para o Rio e não mais saíram. O grupo entrou em fila indiana, cantando e tocando berimbau e vários outros instrumentos. Em seguida, começou a fazer demonstração de golpes em sacos de areia e de movimentos básicos de defesa, inclusive faca, bengala etc.

- “Demonstração impressionante”, comentei com o Neyder que, incisivo e sempre bem humorado, respondeu:

- Com uma rasteira só podemos derrubar metade desses “artistas”.



Mestre Carlson Gracie e Mestre Neyder e seu filho caçula

Foto: Acervo Mestre André Lacé



Mantendo meu total respeito e admiração pelo Dr. Neyder, pouco depois, já estava eu treinando com Artur, na Academia dele em Bonsucesso. Quando Artur viajava - foi pioneiro nessas viagens internacionais que muitos capoeiras estão fazendo agora -, treinava, em Olaria, com seu fiel escudeiro, verdadeiro Sancho Pança, o não menos mestre Djalma Bandeira (foto). Ao longo de mais de trezentos artigos e crônicas, além de cinco livros, nesses meus cinquenta e tantos anos de capoeira, já escrevi muito sobre esses dois. Continuando, entretanto, a ensinar na Academia Romana e ainda ao Grupo "120", liderado pelo Paulo Castro, excelente poeta, letrista e tocador de cavaco. Pouco depois passei a ensinar também na Academia Apolo, na Rua Uruguaiana, de propriedade do Professor Nízio Dourado, e na Academia Signo de Força, no Posto Seis, em Copacabana.



Mestre Caiçara em uma de suas visitas ao Rio de Janeiro



1. Mestre Caiçara e Mestre Pastinha; Mestre Caiçara e Mestre ALLL
2. Cartão de Visita que ALLL, como Diretor Nacional de Capoeira, da CBP, ofereceu ao Mestre Pastinha. Fotos: Acervo Mestre André Lacé

Já como diretor do Departamento de Capoeira, da Confederação Brasileira de Pugilismo, e consultor do *Museu* Estadual de Arte e Tradições Populares, idealizei e apresentei, no Instituto Brasileiro de Administração Municipal (onde tive o prazer e a honra de trabalhar durante nove anos, embutido aí um Mestrado na Universidade de Syracuse, em Nova Iorque), o *I FESTIVAL DE UMA CORDA SÓ (1974)!*

Salvo engano, um evento pioneiro que, inicialmente, pretendia ser ainda mais pioneiro. Explico esse detalhe mais adiante.

Vários mestres ficaram interessados, entretanto, para não abusar do tempo, apenas nove foram pré-selecionados para a experiência: Adilson Faria (*Mestre Faria*), Adilson Victor (*Mestre Sorriso*), Alcindo Oliveira Bemvindo (*Mestre Dentinho*), Jose Carlos Santana (*Mestre Macaco Preto*), José Pedro da Silva (*Mestre Zé Pedro*) Luiz America da Silva (*Mestre Mintirinha*); Paulo Afonso Costa de Sousa (*Mestre Corvão*); Paulo Sergio da Silva (*Mestre Paulão*); e Silas Luiz (*Mestre Silas*).

Para a Comissão Julgadora, convidei nomes consagrados em áreas afinadas com o evento: Antônio Luiz Alves Soares, sociólogo, ensaísta, estudos afro-brasileiros; Carlos Henrique Andrade Gomide, médico, concertista de violão, capoeirista; Lamartine Pereira DaCosta, professor de Educação Física, militar, professor-doutor em Educação, autor de livro pioneiro sobre capoeira; Muniz Sodré de Araújo Cabral, sociólogo, autor de livro sobre Capoeira na Bahia); e Orlando Mara, juiz, professor de literatura e cultura brasileira).

Como homenagem a esses pioneiros, transcrevo o resultado final:

Primeiro lugar: José Pedro da Silva (foto com Bom Cabrito)

Segundo Lugar: Jose Carlos Santana

Terceiro Lugar: Luiz Américo da Silva



A estratégia inicial seria avaliar, em cada um dos mestres concorrentes, quatro aspectos fundamentais:

1. Capacidade de bem cantar uma ladainha tradicional
2. Capacidade de compor e bem apresentar uma ladainha própria
3. Capacidade para, cantando de maneira improvisada, descrever dinâmica de uma Roda. Para tanto, pela minha ideia inicial haveria sempre dois capoeiras jogando durante essa avaliação específica.
4. Finalmente, cada candidato teria que fazer um “preceito”.

Ideia até interessante, se bem que ainda incompleta, mas, tive que aceitar, de difícil execução, especialmente num teatro repleto de, não apenas capoeiras, mas, de leigos também.

Mesmo assim foi um belo espetáculo que, para minha surpresa, até hoje, não foi aprimorado nem apresentado por algum mestre.

Resumindo essa primeira parte, embora com formação básica e definitiva na Capoeira-Luta, sem berimbau, sem os demais instrumentos e sem cantoria, percebi logo a importância da capoeira musical.

Passando até a criticar a extrema pobreza da parte rítmica e cantada na maioria das rodas de capoeira. O que sempre testemunho é uma barulhada terrível, com cantos alienados e alienantes, com toques inapropriados para esse ou aquele momento, grandes desafinações e quase total desrespeito à mágica e sábia liturgia do verdadeiro jogo de capoeira.

Somando esse aspecto a vários outros, passei a escrever artigos e livros mostrando e demonstrando os pecados mais graves e contraditórios, muito embora, registre-se a bem da justiça, sempre também sugerindo soluções alternativas.

Foi o que bastou para algumas vestais da capoeira passar a combater, de todas as maneiras, as minhas críticas e sugestões. Quadro agravado pelo fato de que a maioria dos capoeiras, inclusive, para meu espanto, até do Rio de Janeiro, preferiram fechar os ouvidos para os meus alertas.

Rouxinol & Siri de Manguê

Foi, portanto, um prazer surpreendente receber, tempos atrás, telefonema do jovem holandês **Jeroen Verheul** assuntando a possibilidade de uma visita para conversar sobre Capoeira. Surpreendente, sobretudo, pelo fato do interessado, de saída, revelar, não apenas paixão, mas um quase misterioso conhecimento sobre o Mundo da Capoeiragem. Mesmo assim, tratei de alertar que a maioria dos capoeiras só tem olhos e coração para as versões fantasiosas, mitificadas da Capoeira; fazer o papel do “menino que apontou a nudez do rei” – crédito para o dinamarquês Hans Christian Andersen -, era comprar briga feia com essas vestais da fantasia.

Jeroen Verheul estava determinado, a conversa acabou ocorrendo e, para minha alegria e surpresa, pois o menino holandês (Rotterdam, 1983) dominava realmente e como poucos, a verdadeira História da Capoeira do Rio de Janeiro, de São Paulo, da Bahia, do Brasil e do mundo. E que é de fundamental importância, sempre conversando, discutindo, colocando seus conhecimentos e reflexões de maneira modesta, mas firme, clara e cavalheiresca.

Não apenas no Mundo da Capoeira, mas no Mundo em geral, todo mundo, o tempo todo, é discípulo que aprende e mestre que dá lição. Essa alternância, muito bem temperada, é constante no comportamento do jovem holandês. O que faz dele, sem ele mesmo saber, embaixador natural do seu próprio país e, certamente, dos seus queridos pais Jan Verheul e Marina Verheul de Kievit. É arte das mais nobres o saber navegar qualquer oceano, sob qualquer tempo, semeando sempre boas e sólidas amizades. No Oceano da Capoeiragem, por definição, trata-se de tarefa das mais difíceis. Pois muito bem, nosso *marujo-capoeira-diplomata*, bom capoeirista, “tira de letra”.

Em sua primeira visita, Jeroen chega com flores para minha mulher, o que provocou dela mais um desabafo, digamos, “capoeirístico”:

- *Que diferença em relação a esses “mestres” e pesquisadores que lhe procuram, copiam, fotografam, levam livros e CDs para depois publicarem trabalhos sem sequer citar o seu nome.*

E o que é pior, completei esportivamente sorrindo: republicando minhas informações, depois de distorcê-las à vontade.

Ora, ora – permita o leitor essa digressão – mas, se fizeram isso com o misterioso e pioneiro “ODC” (1907), se fizeram isso com Annibal *Zuma* Burlamaqui, por que não, comigo?

Voltemos ao canto, digo, ao novo livro do Rouxinol, apelido inicial de Jeroen, no batismo da capoeira.

Sendo crítico atento de tudo que diz a respeito à Capoeiragem foi para mim grande prazer e uma honra receber convite para fazer a Apresentação de, finalmente, um bom trabalho. Tão bom que chega a ser preocupante para o Brasil, posto que os melhores trabalhos começam a pertencer ao Exterior.

Continuemos, explorando um pouco mais esse tema “batismo na capoeira”.

Vejo até a presença de “bullying” em muitos apelidos dados por alguns mestres durante a cerimônia de batismo capoeirístico. Também aí, entretanto, brilha a estrela do holandês. O apelido Rouxinol foi, sim, dado na pia batismal de uma roda, mas, um segundo nome, um segundo apelido - Siri de Manguê! – surgiu por razões circunstanciais e foi igualmente incorporado. Querendo nomear um e-mail, *Rouxinol* teve por bem homenagear a Capoeira e os Capoeiras, surgiu então o nome *Siri de Manguê*.

Por que não? Assino embaixo, não é para virar febre, virar moda, servirá, mais do que tudo, para mostrar que Capoeira é isso, criatividade compatível e constante. De mais a mais,

entendo que a figura em questão merece e honrará sempre esses dois nomes tão representativos. Rouxinol pela importância que dá ao canto da Capoeira, Siri de Mangue pela importância que dá as raízes desse fascinante jogo-luta.

Em função de suas andanças, Rouxinol começou a perceber um gargalo na transmissão, no exterior, da Capoeira plena.

É que nem sempre o mestre brasileiro tem bom domínio da própria língua portuguesa, e muito menos domínio tem o aluno dos outros países. O gargalo aumenta em função de algumas letras tradicionais cujo verdadeiro significado já se perdeu nos tempos, sobrevivendo apenas versões pouco qualificadas. E mais, o andamento, a maneira de cantar, mesmo sabendo que a capoeira, também aí, é “livre como o vento”, às vezes é realmente pobre, desenxabido e desafinado.

Sem esgotar os senões há ainda o impasse: cantar só em português?

Ou seja, com a internacionalização da capoeira será absurdo um jovem mestre, digamos, da Holanda (ou da Itália, França, Angola, Canadá etc.) compor chulas, corridos e ladainhas, fazer preceitos, tudo na sua língua de origem?

O presente trabalho – **Cadernos de Musicalidade – 3. – Ladainhas e outras cantigas** - não tenho dúvida, já nasce como referência obrigatória para todo mestre pesquisador do Brasil e do Mundo.

E não poderia ser de outro modo, pois, como sempre afirmo em meus artigos, livros e palestras, o capoeira deve vencer dentro da Roda da Capoeira e dentro da Roda do Mundo. Não é difícil encontrar capoeiras que passam a vida escondendo-se debaixo da saia da Capoeira, isso não é bom.

Conversando com Rouxinol sobre sua vida familiar, social, acadêmica e profissional, percebe-se logo que se trata de guerreiro, de vencedor, dentro e fora do mundo da Capoeira. Ou seja, um exemplo para todos nós.

Parabéns muito especial ao casal Verheul, pois sem dúvida pode exigir vital parcela dos direitos autorais e existenciais desse novo trabalho de Rouxinol.

Parabéns também à própria Holanda, pois conta com excelente e mandingueiro embaixador informal do país. Em suas “voltas ao mundo”, esse capoeira-pesquisador, ao mesmo tempo em que vai garimpando preciosas informações e ajudando a propagar o jogo-luta da Capoeiragem, vai também, com sua boa conduta de cidadão-mundo, naturalmente enaltecendo seu país de origem.

André Luiz Lacé Lopes

Em tempo: ao contrário de muitos capoeiras que, de uma hora para outra, tornam-se MESTRES, **Jeroen** apresenta-se como modesto pesquisador, quando muito, um instrutor de capoeira. Ou seja, uma injustiça com ele mesmo, uma injustiça com a verdade. Tendo formado uns poucos mestres e participado da formatura de outros tantos, não tenho a menor dúvida que acabo de fazer uma **Apresentação** para o livro de um **valeroso Mestre de Capoeira**. Guardem esse nome.

APRESENTAÇÃO DO LIVRO

Cadernos de Musicalidade - 3.

Por Rouxinol
Rotterdam, fev.2011

Caro Leitor,

A ideia de escrever um livro especificamente sobre Ladainhas e Quadras Musicais de Capoeira surgiu na minha mente alguns anos atrás. Finalmente consegui reunir informações e estruturar um roteiro que me pareceu suficiente para escrever e colocar o resultado nas livrarias capoeirísticas do mundo. Sobretudo discos do passado, algumas gravações até muito raras, formaram a base do presente trabalho.

Não foi possível, certamente, esgotar o assunto, por definição, quase infinito. Sendo oportuno adiantar que também deixei prevalecer meu entendimento pessoal sobre o grau de importância de cada disco pré-selecionado. E nem poderia ser de ouro modo. Também foi minha preocupação, durante toda gestação do livro, limitar o leque de opções, mas, dando a maior profundidade crítica possível ao material escolhido.

Quanto à escrita, através de várias revisões, fui aprimorando a redação com o objetivo de tornar o livro uma leitura agradável, de fácil compreensão e, sobretudo, de fácil aplicabilidade nas rodas de capoeira.

Antes de entrar no mérito do conteúdo deste livro, como preliminar, quero agradecer ao Mestre André Luiz Lacé Lopes, o apoio que ele vem dando ao meu trabalho, desde o nosso primeiro encontro. Destacando nesse agradecimento a Apresentação que fez para este Caderno, muito elucidativa, mas – devo registrar – generosa demais em relação aos elogios a minha modesta pessoa. De qualquer maneira, agradeço do fundo do meu coração, obrigado Mestre!

Meu convite para que André Lacé escrevesse a Apresentação, não se deveu tanto a sua linhagem de Capoeira Utilitária, da qual o Senhor Agenor Sampaio (Sinhozinho, foto) foi um de seus maiores expoentes. Até porque se tratava e trata-se de uma capoeira que não utiliza a parte rítmica e cantada. Não, o convite fundamentou-se na igualmente longa e proveitosa convivência de Lacé com velhos e jovens mestres de capoeira e, também, mestres na sua parte rítmica e cantada. Muitos desses mestres estão no bojo desse Caderno III.



Mestre Lacé não apenas assistiu apresentações desses mestres, mas, com alguns, conversou longamente, escrevendo artigos e fazendo preciosas entrevistas para seu programa, pioneiro, na Rádio Roquette Pinto, no Rio de Janeiro. Livros e gravações que estão à disposição de qualquer interessado, na Biblioteca Amadeu Amaral (Palácio do Catete, RIO) e no Museu de Imagem e do Som do Rio de Janeiro.

Francamente, em minha modesta opinião, a contribuição de Mestre André Lacé, sobre a Capoeiragem em geral, mas, sobretudo, a chamada “Utilitária”, da sua linhagem básica, ainda não foi suficientemente reconhecida. Muito embora suas pesquisas, artigos, livros e palestras, há muito tempo, venham alimentando um sem número de novos trabalhos (onde nem sempre a fonte primária aparece).



Mestre André Lacé e Rouxinol, Leblon RJ, 2009 Foto: Acervo Mestre André Lacé.

O começo da pesquisa

Admiro muito, pesquiso e pratico Capoeira como um todo, cultivando todos os seus aspectos e vestimentas. O que não significa que não tenha gosto próprio. Significa, isso sim, não ficar “fechado”, impermeável a essa ou aquela forma de praticar a Capoeiragem. Essa atitude ecumênica e a disposição de ouvir e respeitosa discutir Capoeira, abriu-me e continua abrindo várias portas. Em minhas viagens, especialmente para o Brasil, onde houver *Indícios de Vida Capoeirística*, estarei sempre pronto a (re) conhecer e aplaudir. Afinal, no mundo da capoeira e mesmo na Vida em geral, “todo mundo é discípulo que aprende e, ao mesmo tempo, é também mestre que dá lição”.

Para ter melhor entendimento sobre as origens, tradições, linhagens, escolhas, sotaque, ética e as influências dentro da Cultura Afro-Brasileira, decidi dedicar-me a pesquisar o Mundo da Capoeira como um todo e, sempre que possível, mostrar como esse “mundo” interage com os demais. Graças a Deus, percebi bem cedo que a Capoeira é mesmo um poço sem fundo, uma caixinha de segredo, um saber infinito.

Não considero absurdo alguém gostar apenas dessa ou daquela parte do fascinante *Complexo Capoeira*. Há, por exemplo – e por incrível que pareça – mestres que jamais jogaram capoeira, e, no entanto, são grandes mestres, sim. O famoso e saudoso Camafeu de Oxossi, por exemplo, foi um dos grandes na parte rítmica e cantada da capoeira, seus discos estão aí para provar. Pelo que me consta, entretanto, quase não jogou capoeira. Quem ousaria afirmar não ter sido Camafeu um grande mestre da Cultura Afro-Brasileira?

Ninguém é dono da capoeira, até porque ela “é livre como o vento”.

Eu e meu grupo, por exemplo, ainda engatinhamos (com prazer e muita honra) nesse fascinante Mundo da Capoeira. Mas, seguiremos sempre praticando, ora jogando, ora garimpando sobre as origens, tradições, filosofia, religiosidade, linhagens, escolhas, sotaque, ética etc.

Incluindo-se nessa garimpagem os diversos esforços de institucionalização da Capoeira que, segundo Lacé, “é lamentável, mas inexorável”.

Tenho, pois, aprendido muito nessas andanças, visitando mestres e mestres, tantos, que não teria como apresentar uma lista completa, muito menos, definitiva. Por outro lado, não será justo deixar de enfatizar alguns nomes que, por uma razão ou outra, em relação ao meu trabalho, foram muito além da maestria capoeirística.

Mestre Araminho (Marcos Aurélio Alves Furtado), por exemplo, meu Mestre, com quem iniciei aos quatorze anos meu aprendizado de capoeira. Grande mestre, grande pessoa, com ele estou até hoje. Foi importante o papel dele na minha pesquisa, pois bem cedo dividiu muito conhecimento e material comigo, sem se impacientar com as infindáveis perguntas que fazia (e até hoje faço...).

Mestre Dimola (Jorge Luiz Dias de Lima) é outro nome que devo destacar; sempre me tratou bem desde a minha primeira visita ao Brasil, em 2002. Em muito pouco tempo, com ele aprendi muita coisa.

Agradecimentos especiais também ao Mestre Ray (Raimundo Ferreira de Souza), pelo apoio que sempre me deu.



**Foto do autor junto com seu Mestre Araminho e Mestre Leopoldina, Amsterdã 2002.
Foto Acervo Nariz**

A seguir, em lista simbólica, representando todos os mestres visitados, relaciono alguns excelentes nomes com os quais tive a honra de conversar:

Mestre Artur Emídio de Oliveira, Mestre Decânio Filho, Mestre Mendonça, Mestre Gigante, Mestre Júlio César, Mestre Damião, Mestre Sete, Mestre Mario Santos, Mestre Jair Moura, Mestre André Lacé, Mestre Gegê, Mestre Celso do Engenho da Rainha, Mestre Genaro, Mestre Mintirinha, Mestre Boca Rica, Mestre Gildo Alfinete, Mestre João Pequeno, Mestre João Grande, Mestre Nacional, Mestre Touro, Mestre Dentinho, Mestre Bogado, Mestre Zé Roberto, Mestre

Fidelão, Mestre Bigodinho, Mestre Brandão, Mestre Waldomiro Malvadeza, Mestre Felipe, Mestre Aurélio, Mestre Edvaldo Baiano, Mestre Barbosa, Mestre Paulão e tantos outros.

Em tempo: Relação feita de forma aleatória, em que pese todo o meu respeito e admiração pelo *Fator Antiguidade*, pois, afinal, como dizem os militares “Antiguidade é Posto”, ou melhor, como dizem os capoeiristas: “roupa de homem não dá em menino”...



Mestre Decânio – Salvador, BA, 2009.



Mestre Jair Moura – Salvador, BA, 2009.



Mestre Artur Emídio – Guapimirim, RJ, 2007.



Mestre Mário Santos – São F. do Conde, BA, 2009.



Mestre Mendonça – Niterói, RJ, 2009.



Mestre Gigante – Salvador, BA, 2006.

Rouxinol

Sou relativamente jovem no Mundo da Capoeira, na qualidade de *Instrutor* tenho o prazer de fazer parte do *Grupo A.L.D.E.I.A. Capoeira* (ALDEIA: Arte, Luta, Dança, Esporte, Instrumento, Alegria).

O Apelido que recebi dentro da Capoeira, salta aos olhos (e soa aos ouvidos...) foi inspirado no meu gosto pelo lado musical desse fascinante jogo-luta. Como adiantou Mestre André Lacé na Apresentação deste livro, anos mais tarde, ao escolher um nome para colocar no meu *e-mail*, me veio à mente: Siri de Mangue.

Uma singela homenagem ao lendário capoeira do passado.

Gostei, também, pelo fato de o siri, não mais o mestre, mas o crustáceo – possuir grande poder de adaptação, sabendo sobreviver às condições nem sempre amigáveis dos mangues.

Não tenho, entretanto, a intenção de adotar este apelido como se fosse o meu. (Somente acontece nas horas de psicografia ou em outros momentos específicos.) Pois eu pessoalmente jamais darei nome de um Mestre (nome dentro da Capoeira) a aluno meu. Para mim, Mestres como Bimba, Pastinha, Sinhozinho e alguns outros foram inigualáveis, então, deixo estes nomes reservados na história.

Ladainhas, quadras e outros cantos de Entrada...

O presente Caderno, terceiro da nossa coletânea, tem como objetivo chamar atenção para a importância da parte cantada da Capoeira. Contribuindo assim para o crescente resgate e aprimoramento desse seu tão significativo componente. Esforço que não tem a pretensão de esgotar o assunto, até porque o “Assunto Capoeira”, assim como cada um de seus fascinantes aspectos e componentes, simplesmente, é inesgotável.

Para considerável parte dos grandes capoeiras cantadores e compositores do passado gravar um “disco”, como sempre lembrava o saudoso Mestre Liminha (Antônio Carlos de Lima), não passou de um sonho quase impossível. Hoje em dia, não. A rigor, acontece o contrário, com gravações em excesso, nem todas com nível de qualidade exemplar.

Varias obras recentes usam, direta ou indiretamente, gravações pioneiras (letra, música e toques), como ponto de referência e fonte de inspiração. Fenômeno que também ocorre com a musicalidade que veio passando, simplesmente, através da comunicação verbal.

Esse aparente “plágio”, no fundo, é até saudável, pois há que se imitar e copiar muito até se chegar ao ponto de começar a se criar também. A lamentar, portanto, somente o comportamento daqueles que copiam, mas não citam as suas fontes, às vezes até apossando-se de composições de “domínio público”. Grande parte desses, registre-se, não age por mal, segundo meu entendimento, apenas ignora o que seria mais adequado.

Mesmo assim, essa realidade acaba confundindo o pesquisador atento, como é bem o caso de conceituado jornalista que pesquisa semelhanças entre chulas de capoeira e as canções de trabalho (*worksongs*) dos africanos nos campos de algodão no Sul dos Estados Unidos da América do Norte. Estudo que inclui análise sociológica sobre o sentido social dos cantos de capoeira através dos tempos.

Realmente, quem compara as velhas ladainhas e quadras com as atuais percebe significativa mudança. Especialmente na chamada “Capoeira Contemporânea”, onde as ladainhas pretendem ser uma aula de história, com menos parábolas (algumas aparentemente sem sentido) do que as velhas ladainhas. Importante também notar que, os novos cânticos já não buscam tanto, no cordel paraibano, inspiração para seus temas e versos. Tais “aulas de História”, entretanto, devem ser

tomadas com cautela, pois, algumas vezes, estão impregnadas de sectarismo capoeirístico, de visão ingênua (ou “folclórica”) de História, Havendo ainda, de uns tempos para cá, uma forte influência mercadológica. O saldo dessa evolução, mesmo quando polêmica, é positivo, ajudando a esclarecer, a mostrar aspectos até então ignorados por boa parte dos praticantes de Capoeira;

Como se pode perceber em cânticos sobre “As vidas dos Mestres de capoeira”, “A escravidão”, “A dinâmica de uma Roda”, “O Berimbau e a sua função”, “O Amor” etc.

As ladainhas de hoje também são mais pródigas em “cantar” lugares e práticas populares, como candomblé de caboclo, batuque, jongo, samba de roda etc.; e resumir passagens históricas, capoeirísticas ou não (nem sempre com muita precisão).

Em relação á rica fonte da literatura de cordel, valerá citar alguns dos mestres que a utilizaram com maestria: Mestre Waldemar, Mestre Traíra e Mestre Bimba. Todos eles usaram partes da Literatura de Cordel: a Peleja entre Manoel Riachão e o Diabo, de Leandro Gomes de Barros. Um exemplo é a quadra do Mestre Bimba que começa com a frase: “Perto de mim tem um vizinho”.



Essa fonte de inspiração aflorou mais forte com os livros e artigos de Mestre André Luiz Lacé Lopes, por feliz coincidência, especialista em Administração Municipal e Jornalista.

Em seus escritos e também nos programas que criou e apresentava na Rádio Roquette Pinto no Rio de Janeiro, André Lacé chamou atenção para a importância do cordel nos cânticos de capoeira da Bahia. Em seus programas, Lacé fez entrevistas célebres, com famosos mestres de capoeira e pesquisadores do quilate de Edison Carneiro, Lamartine Pereira da Costa e outros. Mais recentemente, lançou o seu próprio cordel (“apenas uma rústica tentativa”, segundo ele), onde apresenta, em modestas trovas portuguesas, o perfil de algumas dezenas de mestres do Rio de Janeiro, dos demais estados e em exercício no exterior. Realizou, também, no auditório do Instituto Brasileiro de Administração Municipal (1974), o “Primeiro Festival de Uma Corda Só”, para qual elaborou criativo Regulamento.

Por oportuno, valerá lembrar alguns nomes de mestres que utilizavam cantos de origem folclórica e com conteúdo histórico, como por exemplo, Mestre Canjiquinha, e Mestre Barbosa. Sendo que esse último, segundo Mestre João Grande, em depoimento para o Autor, em 2008, cantava a ladainha “Ioiô Viva Bahia”.

Também o Rio de Janeiro, especialmente quando ainda Capital Federal, além de suas publicações pioneiras sobre Capoeira, andou servindo também de fonte inspiradora na área musical. Um dos famosos sambas – “Fita Amarela” (1932) – do extraordinário e saudoso poeta-compositor Noel Rosa, é emblemático:

*“Quando eu morrer não quero choro nem vela
Quero uma fita amarela gravada com o nome dela
Se existe alma, se há outra encarnação
Eu queria que a mulata sapateasse no meu caixão
Não quero flores, nem coroa de espinho
Só quero choro de flauta, violão e cavaquinho
Estou contente consolado por saber
Que as morenas tão formosas a terra um dia vai comer
Não tenho herdeiros, não possuo um só vintém*

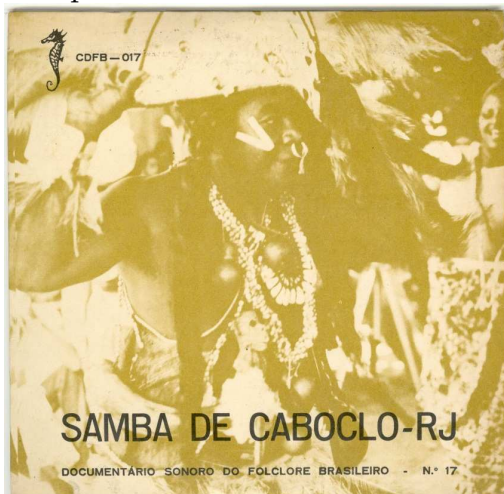
*Eu vivi devendo a todos, mas não paguei nada a ninguém
Meus inimigos que hoje falam mal de mim
Vão dizer que nunca viram uma pessoa tão boa assim
Quero que o sol não visite o meu caixão
Para a minha pobre alma não morrer de insolação”*

Em cima apenas um dos vários sambas feitos pelo genial Noel de Medeiros Rosa – Rio de Janeiro 1910/1937, sambista, cantor, compositor, bandolinista, violinista, o famoso Noel de Vila Isabel, famoso bairro da Zona Norte da Cidade do Rio de Janeiro. As frases iniciais desse lindo samba foram adaptadas e gravadas por Mestre Suassuna, no seu primeiro disco “Cordão de Ouro”, décadas mais tarde.

Em livros sobre pontos de caboclos, pontos de boiadeiros, repentistas e cantos de desafio e samba de roda, se acha muitas letras com partes que foram adotadas nas rodas de capoeira.

Mais um exemplo é o disco do Fernando dos Santos de Samba de Caboclo com a música Paranaú cantada no ritmo de Samba de Roda

As manifestações folclóricas do Brasil sempre se beneficiaram de natural intercâmbio musical entre os estados, o que pode ser facilmente aquilatado através das ladainhas e outras músicas da capoeira...



Ao lado um exemplo de um intercâmbio musical entre Samba de Caboclo e Capoeira:

Este disco de Samba de Caboclo gravado em 27-02-1977 em São João de Meriti, RJ, contém a faixa:

‘Eu vi a cotia’, cantado pelo Mestre Joel Lourenço do Espírito Santo.

Esta música foi adotada em rodas de capoeira de vários grupos. Inclusive já foi cantada pelo o Mestre Moraes em CD produzido pelo Mestre Cobrinha Mansa e Heidi Rauch em 1996, também citado neste livro,

Agradecimentos

Agradeço de coração a todos, realmente a todos, do mestre mais famoso ao capoeira mais modesto, que, de forma direta ou indireta prestaram algum tipo de contribuição para que eu escrevesse mais esse “Caderno”. Agradeço inclusive a paciência de toda essa gente para com esse jovem autor holandês, apaixonado por esse cada vez mais fascinante fenômeno da Capoeiragem.

Agradecimento especial ao Mestre André Luiz Lacé Lopes, mestre também em Administração, pela Universidade de Syracuse, em Nova Iorque, pelo incondicional apoio e pela apresentação, que muito me honra, do presente trabalho.

*“A lembrança volta
Mas o passado não
A lembrança vira estória
O passado, educação”*

Quadra do autor feita em 2004

Homenagem Póstuma ao Mestre Leopoldina Parte 1



André Lacé & Leopoldina
Jornal do Brasil, dez/1963



Mestre André Lacé jogando com Mestre Leopoldina, convidados especiais do Mestre Artur Emídio. Exibição no Vasco da Gama, Rio de Janeiro. Reportagem Jornal do Brasil 22-12-1963.
Foto: Acervo Mestre André Lacé
Nota: Com base na foto do JB, Mestre REDI fez ilustrações geniais para livros no USA e no Brasil.



Mestre
André Lacé

E

Mestre
Leopoldina
(Rio, 2004)

Fotos:
Acervo

Mestre André Lacé



Homenagem Póstuma ao Mestre Leopoldina - Parte 2

Dedico este trabalho ao Senhor Dermeval Lopes Lacerda, grande e saudoso e Mestre Leopoldina, cujo apelido recebeu por imitar sempre o barulho dos trens da famosa linha férrea do Rio de Janeiro, Leopoldina. Figura ímpar, querido de todos, autor de inúmeras composições capoeirísticas, a quem o Mundo da Capoeira está devendo a produção de um CD. Tive a oportunidade de encontrá-lo algumas vezes, a primeira foi em 2001, quando eu tive o prazer e a honra de com ele “dar uma volta ao mundo”. Leopoldina era destaque também na sua maneira impecável de vestir e de filosofar. Bom cantor, excelente tocador de berimbau, exímio e malicioso jogador de capoeira.

As ladainhas que fez, todos reconhecem, ocupam um espaço especial no mundo musical de capoeira.

Mestre: Descanse em paz!



Mestre Leopoldina

Foto: Acervo Mestre André Lacé



Grupo de capoeiristas, ora radicado na Guanabara, que obedece à sábia orientação de um dos mais afamados professôres do difícil jôgo, Mestre Leopoldino. Ele é visto na foto ladeado de alunos

Foto: Acervo do Prof. José Ribeiro, Mestre Leopoldina e alunos, década de sessenta.

O conteúdo do livro

Este livro reproduz letras de mais de vinte cinco discos e CDs de capoeira.

Poderiam ser mais, entretanto, era imperioso delimitar o universo, pelo que também tratamos de excluir os corridos da seleção. Concentramos nosso foco nas ladainhas e quadras, mas contemplamos também o que muitos autores e pesquisadores (inclusive eu) chamam de “cantos de entrada”. Musicas que começam na forma de ladainha, mas, ao final, transformam-se em corrido. Bom exemplo desse recurso é a composição: “Quando eu morrer não quero grito nem mistério”. Também foram incluídas músicas de tamanho maior e irregular como, por exemplo: “Acende o Candeeiro”, de Edson Show, homem com o dom de compor, que deixou crescentes saudades ao falecer.

Neste livro tentei, da melhor maneira que me foi possível, escrever as letras no jeito que são cantadas nos discos. Algumas gravações, o leitor conhecedor já adivinha, são de difícil entendimento, ou porque foram gravadas há muito tempo ou pela própria dicção peculiar do cantador.

Cabe aqui agradecimento especial ao Mestre Júlio César (Júlio César Figueiró), pela generosa maneira como me acolheu em sua residência, quando lá estive garimpando informações para o presente livro. Também agradecimentos ao Danilo Amarelo que ajudou com as letras do disco dos Mestres Traíra e Cobrinha Verde.

Hoje em dia muitas letras estão por aí na *Internet*, liberadas para serem copiadas. Descobri até que muitas delas são transcritas de um *site* para outro, às vezes mantendo eventuais incorreções, outras vezes acrescentando algumas outras.

Basicamente, portanto, o presente trabalho tem como principal objetivo transcrever, com o maior apuro possível, algumas das principais cantigas do cancionário capoeirístico do passado que pode ser imortalizado em disco. Entretanto, na medida do possível, o livro contempla também alguns cânticos novos, como é bom exemplo, o caso de Mestre Moraes (Pedro Moraes Trindade) que ainda conserva o hábito de compor algumas ladainhas com parábolas; às vezes fazendo uma adaptação do que foi escrito ou cantado há muito tempo. Salvo engano, com alguma (boa) influência de Mestre Cabecinha (Fernando Cassiano), pelo menos num CD de capoeira dele, mais recente.

Finalmente, como o leitor perceberá, o livro selecionou alguns trabalhos fora do Mundo Encantado da Capoeira “Angola”. Até porque, em que pese às compreensíveis e até salutares divergências, todos os estilos, no fundo, ligam-se entre si pelo amor que devotam à Capoeira.

Capoeira e Pesquisa

Velhos discos, assim como velhos livros, são referências históricas naturais. Alguns discos antigos de Capoeira podem ser considerados verdadeiras crônicas de uma época.

E não apenas os discos exclusivamente voltados para a Capoeira, mas, também, as gravações musicais feitas por pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Citar a todos seria impossível, mesmo assim, como símbolo de seletivo grupo, entendo como relevante e oportuno citar algumas pessoas que, a meu ver, prestaram relevantes serviços nessa área: Mestre Jair Moura (livros, artigos e o filme “Dança de Guerra”); Mestre André Luiz Lace Lopes (mais de 400 artigos publicados, autor de quatro livros; possui valioso acervo e gravações históricas, feitas ao longo do seu programa radiofônico - “Roda de Capoeira”: entrevistas com Canjiquinha, Caiçara, Zé Pedro, Lamartine Pereira Da Costa, Edison Carneiro e outros); Dona Emília Biancardi (que, além de gravar capoeira, pesquisou e preservou muito o folclore afro-brasileiro, inclusive o lado musical).

Longe de esgotar a lista, acrescentaria mais alguns nomes, como Frederico José de Abreu, Mestre Gegê, Josivaldo Pires de Oliveira, Luiz Augusto Pinheiro Leal, Paulo Coelho de Araújo, Matthias Röhrig Assunção, Mestre Luiz Renato, Professor Carlos Eugênio Líbano Soares, Maria Mutti, Tiago de Oliveira Pinto, Antonio Liberac Cardoso Simões Pires, Joel Alves Bezerra, Pedro Abib, Luís Vitor Castro Junior e Adriana Albert Dias.

Das pessoas já falecidas vale destacar Waldeloir Rego, que fez obra de fôlego, leitura obrigatória para todo e qualquer bom pesquisador; Luís da Câmara Cascudo pela dedicação ao folclore e Edison Carneiro que lutou muito pelo Folclore do Brasil, escrevendo varias obras e vendo um de seus melhores sonhos realizado - o Museu dedicado ao folclore do Brasil, no Rio de Janeiro. Também será justo destacar, sem jamais esgotar essa preciosa lista, amantes da capoeira como Pierre Verger, Jorge Amado, Carybé, Marcel Gautherot, William Moore, Fernando Goldgaber, Antenor dos Santos e Luiz Sérgio Dias (“Quem tem medo da Capoeira”, obra premiada). Bem como Milton Bastos que fez inúmeras belas fotos da capoeira e seus Mestres. Dos pesquisadores estrangeiros que já registraram capoeira no Brasil, entre outros, cabe destaca entre outros, Lorenzo Dow Turner, Simone Dreyfus, Gérard Civet, Maurice Bitter, Robert Manthoulis, Ralph Cole Waddey, Kazadi Wa Mukuna, Gerhard Kubik, David Lewiston, Jim Metzner, Massimo Somaschini e Chantal Peillex.

Mensagem ao leitor

Não apenas em termos de tonalidade, mas, também em relação ao texto das letras, muitos mestres cantadores do passado e, também do presente, demonstraram e demonstram forma peculiar de cantar. Muitas vezes modificando a “levada” da música e a letra da canção. Mestre André Lacé já escreveu artigo até especulando sobre a possível existência do “blue note” no canto de capoeira.

Tais peculiaridades, em relação às letras, explicam discrepâncias que podem ser identificadas em algumas canções quando interpretadas por cantadores diversos.

A ladainha feita com base no famoso cordel da Peleja do Riachão é bom exemplo.

Mestres Traíra, Gegê e Moraes, cada um canta de um jeito, com pequenas variações também na letra. Quem está certo? Todos eles!

Pois não existe, jamais existirá (seria a morte da criatividade) somente uma maneira certa de cantar. Existem varias maneiras, não somente mudando frases, mais às vezes até o ritmo e a melodia. Isto faz parte da riqueza da capoeira que nos dá inspiração e liberdade pra criar versos e até temas novos. Agora, é importante olhar se as mudanças nos versos são feitas de maneira adequada, adequada em termos de Capoeira. O que, em grande parte, acaba sendo questão de gosto, mesmo assim, como alguns mestres falam: “antes de se criar deve-se prestar muito atenção aos mestres do passado e tomá-los sempre como referência.” O passado sempre será boa referência para se criar no presente a música do futuro. Sem esse respeito, música e canto vão-se tornando alienados e alienantes, fenômeno que, infelizmente, está sempre rondando e tentando os “inovadores”. Em suma, antes de construir coisa nova, é bom aprender e admirar as coisas do passado; para mim, as ladainhas cantadas no passado servem e servirão sempre como guia neste processo. É nas ladainhas onde se mostra a sabedoria da capoeira, não somente sobre o jogo, mais sobre a vida como um todo, a maneira do capoeira enfrentar a vida.

Músicas em parábola fazem pessoas (aqueles que querem e podem) refletir, sobre tendências e acontecimentos da vida. Para o entendimento e o crescimento da capoeira, acho de vital importância o aprofundamento deste lado musical.

Aprendendo ladainhas as pessoas não vão ter apenas mais conhecimento sobre a capoeira, ganharão muito mais, ganharão percepção da dinâmica da Roda (e da vida!), aprenderão a prolongar os corridos, recheando com frases improvisadas adequadas e de grande inspiração

filosófica. Aprenderão mais, aprenderão a rima fácil e rica, mandingueira, gerando mandinga no jogo e na plateia.

Assim considerando, este meu modesto Caderno é, antes de tudo, uma reverência ao passado, aos mestres cantadores e compositores que, com gravações pioneiras ou através da transmissão verbal, nos legaram essa bela herança cultural chamada Capoeira. Aos velhos cantadores que ainda estão na estrada da vida, somo minha voz a daqueles que defendem: sempre um tratamento especial para cada um deles. São os ogans da nossa Capoeira.